

VOZ

das



CINCO VILAS

PERIÓDICO REGIONAL DE INFORMAÇÃO

Querer poucas coisas de cada vez mas querê-las a todo o custo é o segredo da vitória.

FOCH

Redacção e Administração

Chão de Coucu — Telef. 191-Avelar

EDITORIAL

Ressurreição

A O falar-se em ressurreição logo nos surge a imagem de Cristo vencedor da morte, d'Aquele que, após três dias de sepultura, surgiu triunfante aos olhos de todos.

Foi, sem dúvida, um facto ímpar na história da Humanidade e que veio confirmar, de harmonia com o anúncio dos profetas e o Seu próprio testemunho, a divindade do Redentor. Aqueles que, perante a Natureza em convulsão, no momento da morte de Jesus, exclamavam que «na verdade este era o Filho de Deus» — agora, com maioria de razão, acreditariam estar perante um Homem que também é Deus.

Cristo ressuscitou! Como naquele tempo, há cerca de 2.000 anos, tal facto extraordinário foi uma âncora para a fé dos discípulos, também agora deve servir de alento à fé e lenitivo à esperança e à alegria de todos os crentes.

Não adoramos um Deus morto mas Alguém que, vencendo a morte, continua connosco, vivo, como Amigo e Amparo Seguro.

— ★ —

Ressurreição significa a passagem da morte à vida. A nessa volta vemos imagens sem conta que nos falam

(Continua na pág. 2)

PASSEIO TURÍSTICO A TERRAS DE ESPANHA

AVELAR, 1 — Por iniciativa e sob a direcção do Dr. Jorge Condorcet, ilustre orientador do Colégio Infante de Sagres, realizou-se, de 24 a 28 de Março, uma digressão por terras de Espanha. Dizer do maravilhoso ambiente em que todo ele decorreu é tarefa impossível: só visto!

As mil e uma peripécias foram devidamente apreciadas e «gozadas» por todos os excursionistas. Será justo destacar, neste aspecto, a crítica espirituosa do Dr. Figueira Henriques e Dr. Condorcet e até mesmo o fôlego inesgotável do Carlos

Albano nos seus «aferríás», saídos mesmo lá do fundo, e a simplicidade da Mané Serra, ao cantar antecipadamente a «Desfolhada».

Camaradagem, boa disposição, alegria, humor, foram notas bem positivas deste deambular turístico. Para perpétua memória aqui fica o itinerário percorrido:

Dia 24 — Saída de Avelar às 7,30 da manhã, rumo a Espanha, via Vilar Formoso. Almoço já em terras de Castela, onde cada um comeu do que levou e do que levaram os outros. Paragem na «doirada» Salamanca para visitar a Catedral e a Universidade, ao que dizem a mais antiga e de maiores tradições em Espanha. Visitámos em Alba de Tormes a igreja, junto da cela onde morreu Santa Teresa de Ávila, sendo admirado o relicário do braço e do coração da grande reformadora do Carmelo. Vimos, ouvimos e sentimos a envolver-nos um extraordinário ambiente de espiritualidade.

(Continua na pág. 2)

Lar em festa

Encontra-se em festa o lar do sr. Emídio dos Santos Ferreira, natural de Portelanos, e de sua Esposa, residentes no Brasil, pelo nascimento da sua primeira filha, ocorrido em 31 de Janeiro.

Daqui renovamos as nossas sinceras felicitações ao simpático casal e desejamos à pequenina Ana Paula um risonho futuro.

Agrava-se a vida financeira deste jornal

Um recente contracto pelo qual foram beneficiados os tipos, aumentou em cerca de 25% o custo do nosso jornal.

Assim, um número de 6 páginas custa-nos agora o seguinte: composição e impressão — 1.700\$00, gravuras cerca de 100\$00, correios (incluindo os jornais que seguem de avião) — 850\$00. Ascende, pois, a 2.650\$00 a importância total por cada jornal de 6 páginas que chega às mãos dos prezados leitores.

Tal circunstância leva-nos, em primeiro lugar, a fazer apelo à generosidade de todos os assinantes, pagando como benfeitores, e em segundo lugar a relevarem que alguns números se publiquem apenas com 4 páginas.

Só assim «Voz das Cinco Vilas» poderá sobreviver.

Curso de Formação Doméstica em Chão de Couce

Festa de encerramento

Realiza-se no próximo dia 27 (domingo) a festa de encerramento do Curso de Formação Doméstica que desde Janeiro está a decorrer em Chão de Couce sob a direcção de senhoras do Instituto de Cooperadoras da Família (Santa Zita).

O encerramento constará do seguinte programa:

12 horas — Santa Missa, para cuja celebração foi convidado o Senhor Bispo da Diocese (como habitualmente nestes cursos).

gem, e que constará do seguinte:

I PARTE: 1—Quem foi que aqui nos reuniu (cântico); 2—Rapsódia (canção); 3—Vira (canção); 4—Zé Moleiro e Conceição (dueto); 5—Casa Importante (poesia); 6—Desgarrada (canção); 7—Malhão (bailado); 8—Zeca Namoradinho (canção); 9—Comboio da Beira Baixa (canção); 10—Zé da Horta (bailado); 11—Bem-casados (diálogo); 12—Tribulação dum Aldeão em Lisboa — comédia por um grupo de rapazes.

II PARTE: 1—Quando vínhamos da igreja; 2—Ouve lá, ó pá!

A parede e a trave

A parede com a trave
Tinhm porfia constante:
Qual delas era a primeira,
Qual delas a mais prestante.

Sempre de pé, a parede,
E toda impante de orgulho,
Era das duas comadres
Quem fazia mais barulho.

A trave, então, ao invés,
Velha e doente, coitada!
Por isso, e por natural,
Jazia sempre deitada.

— Boa vida, sim senhora,
Sempre aí às cavalinhas,
E eu aqui — diz a parede —
A suar as estopinhas!

Outra burra te carregue,
Nanja eu!... porque, senão,
Cai o Carmo e a Trindade,
Malho contigo no chão!

— Tem lá paciência, comadre,
E mais cordura, mais tento!
Se tu a mim me sustentas,
Sou eu que o tecto sustento...

Não quis saber a parede,
E mais apoio não deu:
Só depois, ao temporal,
À sua custa aprendeu!

JACINTO VEGA



Dois aspectos do Curso de Formação Doméstica: Laveres e Enfermagem

13 horas — No Salão Paroquial — Sessão com entrega de diplomas às alunas e abertura da Exposição de Trabalhos.

21,30 horas — Na Associação de Cultura, Recreio e Beneficência — Sessão Recreativa pelas alunas do curso e pelos alunos que frequentaram Enferma-

(canções); 3—Rosinha (bailado); 4—Soldado (poesia); 5—Zé Pacóvio (poesia); 6—Páteo das Osgas (poesia); 7—Pesinhos (dueto); 8—Rio Douro (canção); 9—Primavera (bailado); 10—Colim (canção); 11—Vingança duma Cigana (Drama por um grupo de raparigas).

Director, Proprietário e Editor: ADRIANO SIMÕES SANTO • Administradores: SERAFIM AFONSO e ARMÉNIO MARQUES FERREIRA • Redactores: CARLOS MANUEL MENEZES FALCÃO, ADRIANO MARQUES e ACÍLIO DA SILVA ESTANQUEIRO ROCHA • Composto e Impresso na «GRÁFICA DE COIMBRA» — Telef. 22857

A V E L A R

Colégio — Comunhão Pascal

No Colégio Infante de Sagres, desta vila, realizou-se, no passado dia 22 de Março, a Comunhão Pascal dos Professores e Alunos deste estabelecimento de ensino.

A missa foi solenizada a cânticos pelos alunos, na altura própria houve alocação pelo professor de Moral e Religião, P.º José Carlos Martins e no momento da Comunhão todos os alunos se abeiraram da Sagrada Mesa.

Prêgação Quaresmal

Na Semana Santa esteve entre nós o sr. P.º Manuel Simões, natural de Pousaflores que nos falou da nossa condição de cristãos, conscientes, da sua presença e da sua responsabilidade no mundo.

No Domingo de Ramos e nos dias seguintes foram inúmeras as pessoas que fizeram a sua comunhão pascal. — C.

POUSAFLORES

Comunhão Pascal da Juventude

No dia 23 de Março, mais de uma centena de rapazes e raparigas, cumpriram colectivamente, na nossa igreja, o preceito pascal. Três sacerdotes estiveram à disposição da gente moça, a administrar o Sacramento da Penitência. As 17.30 foi celebrada a Santa Missa pelo nosso pároco. Ao Evangelho tivemos o prazer de escutar a palavra de Deus que nos foi transmitida pelo Rev.º Prior de Arega, sr. I.º José Brás Escaroupa. Após a celebração da Missa e respectiva acção de graças, houve um pequeno convívio no Salão Paroquial. Os rapazes e moças da Serra para cá — zona da igreja — ofereceram um lanche à juventude da Serra para lá — zona de S. João de Brito —. No meio de alegria autêntica, regressaram todos a suas casas.

Semana Santa

Nos três dias últimos da Semana Santa houve grande afluência de fiéis às respectivas cerimónias. Na Quinta-Feira Maior, após a processão do Santíssimo, vários turnos de adoração de sucederam até às 24 horas. O último destes turnos foi constituído pelos rapazes e no primeiro de Sexta-Feira Santa, das 6 às 7 horas da manhã estiveram presentes as raparigas.

As 14 horas fez-se a Via-Sacra, rumo ao Cruzeiro da Serra, para às 15 horas começar a Acção Litúrgica. Após a leitura da Paixão, segundo S. João, escutámos atentamente a palavra de Deus que nos foi transmitida pelo Rev.º Arcipreste de Alvaizere e Ferreira do Zêzere, sr. P.º Manuel J. Ferreira. As 22.30 h. de sábado Santo principiaram as cerimónias próprias desse dia. Durante os três dias prestou a sua valiosa cooperação com os seus cânticos, o grupo coral da paróquia.

Visita Pascal

A pedido do nosso pároco, dignou-se mais uma vez vir até nós, o ilustre filho de Pousaflores, sr. P.º Dr. Manuel Simões, S. J., que aproveitou a oportunidade para estar uns dias com sua veneranda Mãe, senhora Felismina Maria, moradora no lugar da Barreira. Já no Domingo de Ramos o sr. P.º Simões celebrou a Missa da capelania em S. Pedro de Brito e procedeu à bênção dos ramos no largo da escola. Igualmente celebrou no Domingo de Páscoa para, em seguida, iniciar a visita pascal aos 417 fogos da Serra para lá. A visita pascal nos fogos da zona da igreja paroquial foi efectuada pelo nosso pároco.

Baptismo

No dia 16 de Março, recebeu o Sacramento do Baptismo, o menino Carlos Manuel Rodrigues Simões, filho de António André Simões e de Marcelina Rita Pedro. Foram padrinhos André Simões e sua esposa, avós paternos do baptizando.

Óbitos

No dia 20 de Março, faleceu no lugar de Lisboa, confortada com todos os Sacramentos, Bernardina de Jesus, de 75 anos de idade, casada catolicamente com Bernardino Marques Paulino. Paz à sua alma e pêsames à família em luto.

Casamento

No domingo da Ressurreição do Senhor, uniram-se em matrimónio, na capela pública de S. João de Brito, sendo celebrada Missa por sua intenção, os nubentes Maria da Luz Gaspar, de 24 anos de idade, residente no lugar da Barreira, desta paróquia e João Gomes Freire, de 25 anos de idade, residente no lugar de Murtal, freguesia de Almoester. Desejamos ao novo lar, longa vida com as bênçãos do Senhor.

Ressurreição

(Continuado da pág. 1)

desta mudança radical. É o mundo da natureza, nesta Primavera florida, em que tudo emerge, pormissor, em renovação pujante, e é, até, o mundo das almas em que tantos, despertando duma letargia latente, se voltam para a luz da graça e da verdade.

Esta última ressurreição é a mais bela pois toca o que de mais sublime foi criado por Deus — o homem.

Passagem da morte à vida! Há a morte do pecado, da vida egoísta a viver de sentimentos mesquinhos sem beleza nem grandeza; há a vida da graça, vivida com exigência, no cumprimento sério dos deveres duma consciência Cristã, com grandeza de alma, plena de amor de Deus e do do próximo. A ressurreição realiza-se neste esforço incessante, comum a cada mortal, na vitória do bem sobre o mal, da virtude sobre o pecado.

Oxalá, que todos, nesta Páscoa, ao comemorar a Ressurreição de Cristo, pudéssemos festejar a própria ressurreição espiritual.

PASSEIO TURÍSTICO A TERRAS DE ESPANHA

(Continuado da pág. 1)

Mudando de tom, o chamado jantar no «Hostal América» só por ironia se poderia baptizar com este nome! Enfiámos um soleníssimo barrete — passe o termo!

Dia 25 — Abalámos, caminho de Segóvia, bonita, airosa com o seu aqueduto monumental, e aqui sim — fomos mimoseados com o melhor almoço espanhol. De tarde, foi a vez do «Valle de los Caidos» a esmagar-nos a alma com majestosa imponência e sentido humano. Ainda vimos de fora «El Escorial» e, à noite, Madrid nocturna.

Dia 26 — Vimos de Madrid quanto é possível ver duma grande cidade em tão pouco tempo. O Palácio do Oriente, com toda a sua grandeza opulenta transportou-nos ao tempo de Carlos III, seu primeiro inquilino. Foi o «Parque del Retiro» o mais belo jardim de Madrid com passeio no lago; foi a digressão à tarde, de autocarro, para admirar de perto a grandiosidade da capital espanhola, passando mesmo em frente do Teatro Real de Madrid onde se realizaria o grande prémio da Eurovisão 1969. Flamejava entre muitas outras a bandeira das quinas!

Dia 27 — Saída de Madrid por Avanzuez a caminho de

Toledo, a cidade «monumento nacional». É de facto monumental. O Alcácer irradia heroísmo por todas as torres: pois foram heróis os seus ocupantes durante a guerra «de liberación». A catedral resplandece na sua perfeição gótica. De notar as sinagogas em estilo mozárabe. Pudemos admirar ainda a casa-museu do famoso «El Greco» bem como as velhas ruas, estreitas, tortuosas, coalhadas de montanhas exibindo o artesanato local. Grande, imponente, esmagadora essa terra imperial de Toledo!

Dia 28 — Eis-nos em Cáceres, na sua simplicidade de terra de Província, onde deixámos as últimas pesetas. E havia tanta coisa para comprar. Alguns houve que «faliram» peninsularmente: nem pesetas, nem escudos!

Depois foi a alfândega. Não ganhámos para sustos. Muita atrapalhação, mas afinal o chefe foi o mais compreensivo dos homens. Perante a nossa descontração, só teve uma palavra: É tudo contrabando, mas passa! Em Marvão vimos, de novo, terra portuguesa, com seu castelo e a neve que caía. Deve mencionar-se ainda Castelo de Vide e o Senhor Ventura que se viu aflito para atender 36 intrusos que lhe invadiram a casa. Que bela lampreia!

Depois foi a caminhada de regresso a Avelar onde chegámos pelas 11,30 da noite. E foram os abraços dos que nos esperavam, misturados com outros de despedida deste grupo saudosos do alegre convívio daqueles cinco dias. — C.

Finanças

Foi tornado público que durante todos os dias úteis do corrente mês de Abril, se encontram à cobrança, à boca do cofre, as seguintes contribuições e impostos:

Contribuição Industrial — Grupo C — de 1968;
Imposto de Capitais — Secção A — de 1968;
Imposto de Circulação, Camionagem e Compensação (2.º trimestre) — de 1968.
Contribuição Industrial — Grupo C: A contribuição industrial — Grupo C — deverá ser paga em duas ou três prestações.

Agradecimento

Adelino Pedro e Esposa Maria Lucília Rodrigues, de Ponte do Freixo, vêm muito reconhecidamente agradecer a todas as pessoas que visitaram esta a quando da sua prolongada doença ou de qualquer modo os acompanharam, dando-lhes o seu conforto e manifestando-lhes a sua amizade.

A todos a sua mais viva gratidão.

Ponte do Freixo, 2 de Abril de 1969.

A G U D A

AGUDA DO PASSADO

PROFESSOR ANTÓNIO LOPES TEIXEIRA

No artigo do número passado há uma «gralha» que carece de correcção: «O seu pai era brasileiro» deve ler-se: o seu pai era barbeiro e bastante entendido em medicina.

Para melhor se apreciar a personalidade do grande professor, pedimos licença ao diário lisboeta «A Voz» para transcrever um artigo que publicou após a sua morte, da autoria de seu filho Eduardo:

«ANTÓNIO LOPES TEIXEIRA

Leiria conheceu-o durante mais de trinta anos e, durante esse largo período, pôde bem avaliar a sua tempera; em Pombal, onde foi meio exerceu o professorado, foi tido por justo e enérgico, e deixou lá fama de mestre sabedor e insubstituível; Figueiró dos Vinhos foi o concelho que o viu nascer, e os povos da sua freguesia e redondezas choram, agora, a perda de um amigo.

Na verdade ele foi para os seus patrícios, como para muita gente, que não o era, o procurador tradicional e sempre gratuito; à sua porta iam bater, com a antecipada certeza de serem bem servidos, todos os que, alguma vez, necessitavam de um informe, de um documento, da resolução de uma dificuldade, aqui, na capital do distrito.

Tempo houve — e não vai longe! — em que a sua casa fazia lembrar uma caserna. Os recrutas de Agu-

da, acompanhados de carta de apresentação, ou sem ela, procuravam o professor Lopes Teixeira, ajudados com as sacas de vistosa chita, bem esticadas de cheias que vinham; e naquela casa da Avenida do Castelo, hospitaleira à moda antiga, as deixavam a guardar, numa loja térrea apropriada e sem fim, quantos dias fossem necessários, até que a camarata do quartel recolhessem definitivamente.

E nem mesmo aos estranhos, ou que, como tais, poderiam considerar-se, ele deixava de atender. Vio muitas e muitas vezes regressar a casa atarefado, fatigado de tanto calcurriar as ruas da cidade, entrando aqui, pedindo acolá, recomendando este ou aquele caso, no intuito, absolutamente desinteressado, de ser útil a alguém que, por vezes, nenhum título de amizade tinha a ajudá-lo.

Observei-lhe algum dia: — «Não se masse tanto! Olhe que fazer bem, sem ver a quem, seus perigos tem!» para receber como resposta, numa expressão de bondade e indulgência: — «Ora, deixa lá; neste mundo todos precisamos uns dos outros».

Era naturalmente activo, de uma actividade febril. Nascido e criado numa região montanhosa, de ásperos e difíceis caminhos; em contacto directo com a natureza no que ela tem de mais selvagem; acostumado, desde a mais tenra infância, às intempéries e a labuta de uma casa de lavradores, que foram seus pais — tudo isto justifica numa grande parte que, pela vida fora, nunca

a ociosidade o tivesse envolvido nas traiçoeiras dobras do seu manto amortecedor de energias.

Só o indispensável descanso, físico ou espiritual, suspendia, quer nas suas ocupações profissionais, seja em quaisquer outras, ou nos pequenos serviços caseiros, o labor a que dedicava os seus cuidados.

Severamente económico, sem ser miserável, nunca se privou de adquirir para a sua casa, e do melhor que encontrava, tudo aquilo que reputava necessário; mas doía-lhe sobremaneira o desperdício de um centavo! Por isso foi em toda a sua vida um modelo de administração, embora nunca tivesse tido a oportunidade de se manifestar na gerência de qualquer grande empresa, que, aliás, não procurou, porque à sua profissão, no magistério, dedicou sempre mais que amor — uma verdadeira paixão. Mas deixou bem vinculados no lar doméstico, até aos últimos dias da vida terrena que Deus lhe concedeu, os princípios salutareos que inalteráveis e intransigentemente o guiaram; e, ao partir não devia um centil a quem quer que fosse.

Escrupuloso até ao extremo em assuntos de dinheiro, não me consta que alguma vez, em qualquer tempo, por qualquer forma, alguém tivesse ousado pôr em dúvida a sua completa honestidade. Nisso, como em tudo, o conheci bem, e, assim, posso afirmar o que de resto é bem conhecido: que nunca à sua mão foi ter qualquer quantia, grande ou pequena, que não tivesse bem marcado o cunho de uma legítima aquisição!

(Continu.)

Dr. Eduardo Teixeira

V. N. de Poiares, 6/3/1969.

M. LEAL JÚNIOR

CHÃO DE COUCE

Comunhão Pascal

Decorreu nos dias 20, 21 e 22 a confissão e comunhão pascal dos cristãos da nossa paróquia.

A noite houve instrução religiosa pelo Rev.mo Padre António de Sousa, pároco do Paião e, ao longo de cada um dos dias, alguns sacerdotes presentes administraram o sacramento do perdão a numerosos fiéis.

No domingo imediato mais de 1.500 pessoas se abeiraram da Sagrada Comunhão.

Novos Cristãos

Tornaram-se cristãos pelo sacramento do Baptismo:

— Alfredo Serra Marques, filho de José da Silva Marques e de Idalina Serra, do Casal Soeiro. Padrinhos: João Pires e Maria da Luz das Neves.

— Carlos Manuel Teixeira de Sousa, filho de Carlos Alberto Pedro de Sousa e de Jesulinda Ventura Teixeira, de Chão de Couce. Padrinhos: Emídio Ventura Teixeira e Ermelinda Ventura Teixeira.

— Paulo Fernando da Silva Mendes, filho de José Mendes dos Santos e de Maria Otília da Silva. Padrinhos: Fernando Jorge da Silva e Maria Lucinda da Conceição.

Desejamos-lhes as maiores bênçãos de Deus.

Falecimentos

Faleceram na nossa paróquia: Manuel Marques dos Reis, de 79 anos, casado com Maria José das Neves, de Lagoa da Ameixeira;

Maria José das Neves, de 83 anos, viúva de Manuel Marques dos Reis, de Lagoa da Ameixeira;

Ana Maria, de 92 anos, viúva de João Franco, de Serrada da Mata.

Os nossos pêsames às famílias enlutadas.

Salão Paroquial

A nossa campanha, quanto a obras, orienta-se agora para o Salão Paroquial que necessita de um 1.º andar com salas para catequese, reuniões, etc.

Para esse efeito recebemos no último mês: José Luís — Alqueidão — 20\$00; José Marques da Silva — Casal Soeiro — 20\$00; aluguer de bancos e do salão — 180\$00; Manuel Marques — São Vicente (Brasil) — 500\$00. Estas importâncias, acrescidas das publicadas no último número, somam 1.270\$00.

Temos quase ... a 100.ª parte do necessário!

Música

Por gentileza do nosso distinto conterrâneo sr. Padre Acílio Dias Mendes e do seu magnífico Grupo Coral da cidade de Barcelos, onde se encontra, possui agora a nossa igreja uma fita magnetofónica com cerca de 40 cânticos de música religiosa que muito poderá auxiliar o nosso modesto Grupo Coral.

O nosso vivo agradecimento pelo valioso trabalho oferecido.

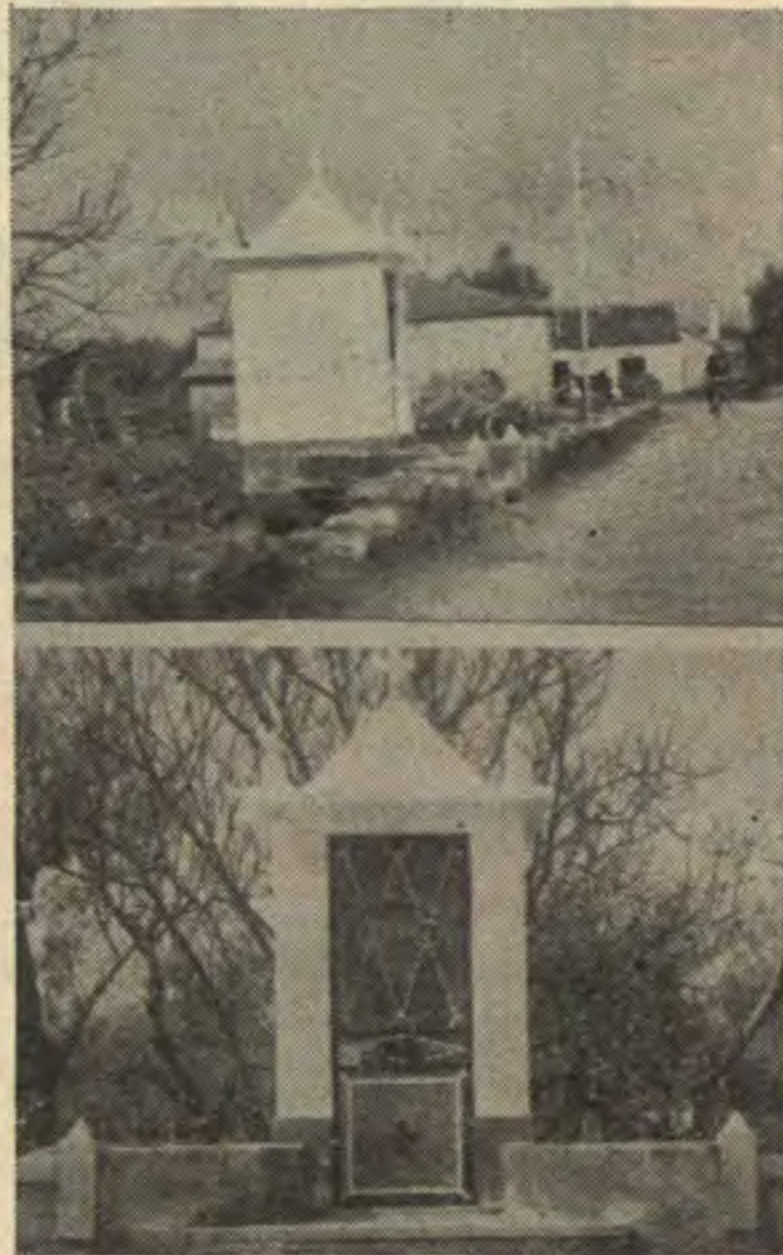
Notícias Pessoais

Entre as pessoas presentes em férias da Páscoa registamos os nomes dos srs. Conselheiro Dr. António Furtado dos Santos, Pro-

curador Geral da República, Conselheiro Dr. Alberto Alves Pinto, Juiz Dr. Manuel de Jesus Menezes Falcão e Comendador Alberto Mendes Rosa.

— Vindo de África encontra-se entre nós o sr. Francisco de Melo e família, do Pоеiro.

— Encontra-se internada nos Hospitais de Coimbra a jovem Maria Fernanda Calé Barbosa, filha do sr. João Ferreira Barbosa, de Ponte do Freixo. Digna de registo a solidariedade manifestada por suas companheiras de trabalho perante a sua doença. Desejamos-lhe rápido restabelecimento.



Alminhas

Junto se apresentam duas imagens do pequeno oratório «Alminhas» há pouco construído e benzido no lugar de Ponte do Freixo.

Banco Português do Atlântico

Pelo digno gerente da Agência do Banco Português do Atlântico em Castanheira de Pêra, sr. José Resende, foi-nos ofertado o Relatório de Contas referente ao ano transacto.

Este prestigioso Banco que por aquela agência serve a nossa região comemora este ano as suas Bodas de Ouro. Diz-se no dito relatório:

«Criado em 1919 sob a modalidade social própria de Casa Bancária, com o capital de 100 mil escudos, ronda hoje, com as reservas, o milhão de contos e pertence ao número próximo dos 300 maiores Bancos do Mundo».

Os nossos agradecimentos.

GINEMA-PINTURA de uma sociedade

(Continuado da pág. 4)

onde quer: para o bem e para o mal.

O cinema não é mal. O cinema é um tesouro de cultura um instrumento de incalculável repercussão, é um poder irresistível de fascinante sucesso, para difundir ideias, modelar atitudes, despertar emoções, criar tendências e provocar misterioso choque no mais secreto do subconsciente.

O problema moral do cinema, quanto aos espectadores, é fundamentalmente um problema de cultura e esclarecida formação de consciência. A influência tão vantajosa do cinema, o seu poder enorme de sugestão que o tornam tão vantajoso e, por vezes, tão perigoso exigem imperiosamente uma preparação educativa.

Que deve fazer o cinema para cumprir a sua missão em favor do bem?

— Deve realizar obras de arte, obras de uma arte ampla e mais sã, incluindo levar o espírito com a ajuda de uma representação visual até um ideal intelectual e moral que sobrepasse o entendimento dos sentidos e o domínio da matéria, elevando-nos até Deus, Bem Supremo, e Beleza Suprema, de onde procedem todo o outro bem e toda a outra beleza.

Se no plano intelectual, pela larga difusão de conhecimentos, no plano estético, nas múltiplas manifestações de beleza e no plano moral, através de lições de coragem e alto nível de virtude, o cinema pode ter um notável valor educativo, parece dever ser integrado eficazmente na vida escolar filmes que deverão ser conscientemente escolhidos. A escolha supõe, evidentemente, a eliminação de filmes inconvenientes, mas isso mesmo implica a existência de um critério de apreciação suficientemente educado. Só assim haverá a possibilidade de discernir o que é bom e o que é mau, tanto do ponto de vista psicológico como estético e moral. Só assim poderá o cinema atingir plenamente os seus objectivos.

Aluga-se

Casa de rés-do-chão e garagem, com água e luz, no Salgueiral — Chão de Couce.

Maria da Ascensão Teixeira Rebelo

MÉDICA ESPECIALISTA

DOENÇAS DAS CRIANÇAS

CLÍNICA GERAL

2.º Assistente da Faculdade de Medicina

Consultas todos os dias úteis

Consultório: Av. Sá da Bandeira, 110-1.º — Telef. 29921

Residência — Telef. 21317

COIMBRA

Serafim Afonso

CONSTRUTOR CIVIL

CONSTRUÇÃO CIVIL E CARPINTARIA MECÂNICA

CHÃO DE COUCE

Notícias de Ansião

A pedido do sr. Presidente da Câmara, realizou-se no salão Nobre da Câmara Municipal, no dia 24 do corrente, uma reunião com os representantes dos principais jornais do País, a fim de se trocarem impressões sobre alguns dos mais importantes problemas da administração local.

Abastecimento de água a Ansião — Foi dado conhecimento da próxima visita ao sr. Engenheiro Alberto Henriques Campinho Gomes, da Direcção Geral dos Serviços de Salubridade a Ansião, para dar o seu parecer final sobre a concessão da comparticipação do Estado para esta obra. É pois com expectativa, que se aguarda o resultado desta deslocação.

Edifício dos C. T. T. — Em recente entrevista com o Engenheiro Chefe das Construções de Edifícios dos C. T. T., ficou resolvido a aquisição de parte de um prédio urbano pertencente ao sr. António Prudente de Oliveira a integrar no actual edifício onde se encontra instalada a Estação, ficando a Câmara comprometida na abertura e arranjo da rua adjacente.

Avenida B em Ansião — Espera-se que o Ministro das Obras Públicas faça publicar no «Diário do Governo» a portaria a conceder a já anunciada participação do Estado para esta obra, a fim de que a Câmara possa, sem delongas abrir o Concurso público. Espera-se, contudo, que os particulares, proprietários dos terrenos necessários à sua implantação, não criem quaisquer obstáculos quanto à cedência dos mesmos, para que a Vila de Ansião não sofra maior estagnamento do que até aqui.

Toponímia — Discutido em por menor este assunto, foram sugeridos vários nomes, que o Ex.mo sr. Presidente aprovou e que são: Rua Capitão Mousinho de Albuquerque; Rua António de Oliveira Salazar; Rua Dr. Rosa Falcão; Rua Heróis do Ultramar; Rua Dr. Adriano Rego; Rua Políbio Gomes dos Santos R. Adolfo Leopoldo de Figueiredo; Rua de Angola; Rua Rainha Santa Isabel; Travessa da Misericórdia; Rua D. Manuel de Melo; Rua Almirante Gago Coutinho; Rua Bombeiros Voluntários e Rua S. Pedro.

Oportunamente serão colocadas as respectivas placas em cerimónia a realizar com a presença de diversas individualidades convidadas para o efeito. — C.

Encontro com o Leitor

Domingos da Conceição Simões — Lourenço Marques — Este bom amigo, natural da freguesia de Aguda, com a importância da sua assinatura enviou as suas saudações amigas para os orientadores e colaboradores da «Voz das Cinco Vilas» — «sempre bem vindo mensageiro da boa gente da nossa região».

Retribuimos com amizade e agradecemos.

BONS FRANGOS AOS MELHORES

PREÇOS DO MERCADO SÓ NO

Aviário Fidalgo

Telef. 163 (Avelar)

ALMOFALA DE BAIXO

DESPORTOS

(Continuado da pág. 4)

mento da nossa defesa que ficou parada. Faltavam poucos minutos para o encontro terminar quando numa das muitas jogadas de choque da nossa defesa com a avançada contrária, num momento em que Rui se encontrava no chão, um adversário tentou agredi-lo, quando nenhum estava de posse da bola. Então gerou-se um sururu, tendo uma parcela do público entrado em campo, registando-se cenas que em nada dignificam o desporto mas das quais os nossos jogadores não podem ser culpados mas sim o adversário que tinha enveredado por cargas e faltas à margem das leis, abusando um pouco da sua melhor constituição física. — E. M.

Voze
das
Cinco Vilas

Pelo Progresso Espiritual
e Social da Região

NOTA DO MÊS

O RESPEITO

Conversava-se, numa roda de amigos, sobre a crise do nosso tempo. Alguém logo afirmava, em ar de desabafo — um desabafo tantas vezes repetido:

— É o que lhes digo: não há respeito!

A afirmação é, infelizmente, expressão da verdade, exprime uma realidade bem triste.

Mas o que é o respeito? É dar a cada qual a consideração que merece. Será, em certo modo, o salvaguardar, em relação a cada indivíduo, os seus direitos, os tais «Direitos do Homem» de que agora tanto se fala.

Cada um tem direito a ser respeitado nos seus bens espirituais e materiais.

Os pais e os filhos, os patrões e os operários, os superiores e inferiores, os velhos e os novos — cada qual, na sua condição, deve ser respeitado. Há, entretanto, em muitos indivíduos, uma espécie de anarquia de espírito que os leva a não considerar pessoas nem condições, permitindo-se toda a casta de ofensas e atropelos, ofendendo e vilipendiando, por palavras e atitudes. Resultado? A guerra e o mal-estar. E o mal agrava-se porque quem não respeita não é respeitado...

Não somos por um respeito servil, despersonalizante, nem muito menos por um maneirismo balofo nada sincero que pode, também, redundar em desrespeito. Somos pela verdade nas relações humanas, dentro dum espírito de amor autêntico, dando-se a verdadeira consideração pela dignidade do próximo, pela sua idade, pela sua autoridade, pela sua missão, pelo seu bom nome.

Os jovens, sobretudo, deverão ser educados, desde cedo, neste clima de moralidade e dignidade sãs. Caso contrário será o caos em que pais e filhos, superiores e inferiores, viverão em tensão, em luta aberta, em clima terrível de ofensa e atropelo. E em educação tudo resulta do exemplo e do ambiente que se crie.

O que por aí vemos — santo Deus! — leva-nos a sérias apreensões sobre o futuro.

Mas valerá a pena reagir? Cremos que sim. Calar será criminoso. Que ouçam, ao menos, todos os de boa vontade. Que se trave um combate neste sentido: criar um clima de respeito sincero nas relações de uns para com os outros.

ABRIL DE 1969

Ao encontro da alegria de viver!

Maio, 1965. Ítalo endereçou à revista «Meridiano 12» — Secção «Verdes Anos» uma carta recheada de desespero. Dizia assim:

«Sou um rapaz de 20 anos. Trago dentro de mim um vazio imenso. Li toda sorte de livros: azedaram-me o coração. Fui ver todos os filmes possíveis e imagináveis: quando deixava uma sala de cinema sentia-me mais vazio do que antes de entrar. Lidei com centenas de raparigas: causaram-me todas elas nojo (é a palavra exacta).

Agora não faço nada. Passo os dias fechado no quarto, sem ler, sem escrever, num estado quase de inconsciência. Como pouco; falo raras vezes. Os meus trazem-me remédios e caldos: não compreendem que a minha doença está no fundo do coração.

Tudo me aborrece. Desprezo toda a gente. Não tenho amigos. Não tenho fé. Tenho só um grande desejo: morrer.

Digam-me: neste mundo, há pessoas felizes? Se as há, que fazem para o ser?»

Que espectáculo desolador o de um «eu» em desagregação. «Verdes anos» mostrou a carta às dezenas de milhar dos seus jovens leitores. Como resposta à redacção, montões de cartas.

Nesta correspondência surge o panorama duma juventude inesperada e desconhecida, duma juventude mergulhada no trabalho febril da sua própria construção, pronta para lançar a ampla abóbada da sua personalidade. Alguns jovens, ricos de belos ideais, cheiram agradavelmente a roupa lavada, estão sequiosos de Deus, sentem-se felizes em dar-se. Outros vêm-se enredados nos seus primeiros fracassos e debruçados sobre as suas feridas, divisando já, porém, a sua reabilitação.

— ★ —

EIS DUAS CARTAS A ÍTALO:

Caríssimo Ítalo,

Sou um rapaz de vinte anos como tu, como tantos outros, com os mesmos problemas e as mesmas exigências. Perguntas se há pessoas felizes. Sim, há. Estou certo: eu sou feliz. Um dia, que jamais esquecerei, compreendi que se pode ser feliz neste mundo.

Nesse dia, disse a mim próprio: «Tenho dezoito anos. Em que é que emprego a minha juventude? Hei-de apodrecer imóvel diante duma arena, quando tanta gente morre pobre, de fome, ao abandono? Não, não posso conter a generosidade e o amor que sinto em mim e que são uma característica das almas jovens». Foi assim que «descobri» os outros, aqueles que tu desprezas. Comecei a amá-los e a dar-me a eles. Agora sou feliz, sou um entusiasta pela vida.

Ítalo, tu, não conheces a Deus nem o Seu Filho, que se fez homem como um de nós. Ele veio a este mundo por nossa causa e compreende-nos melhor do que ninguém. Está ao nosso lado sempre que nos sentimos sós e cansados. Achas que uma pessoa, que compreenda bem tudo isto, possa andar triste?

Gostaria de te dar, neste momento, toda a minha alegria de cristão, todo o meu entusiasmo. Não voltarias a dizer: tudo me aborrece».

João Carlos

Meu caro Ítalo,

Tu leste toda a espécie de livros; eu, ao invés, tenho lido só livros que não prejudiquem a minha alma.

Tu foste ver todos os filmes; eu tenho ido apenas ver filmes moralmente sãos e instrutivos.

Tu sentes nojo das moças; eu, ao contrário, procuro ver nelas criaturas de Deus e nossas irmãs.

Tu fechaste-te em casa, fechaste-te em ti mesmo, na tua angústia; eu passo o dia a estudar, a rezar e a jogar com os meus amigos.

Tu desprezas toda a gente; eu esforço-me por descobrir Jesus em todos.

Tu tens um desejo enorme de morrer; eu posso assegurar-te que a vida é bela, extraordinariamente bela.

Agora, meu caro Ítalo, vamos à conclusão: **tu és infeliz e desejas morrer; eu sou feliz e passo na alegria todos os momentos da minha vida.**

Com certeza que não me faltam sacrifícios, tristezas, horas difíceis. mas não perco a serenidade: ponho tudo nas mãos de Deus.

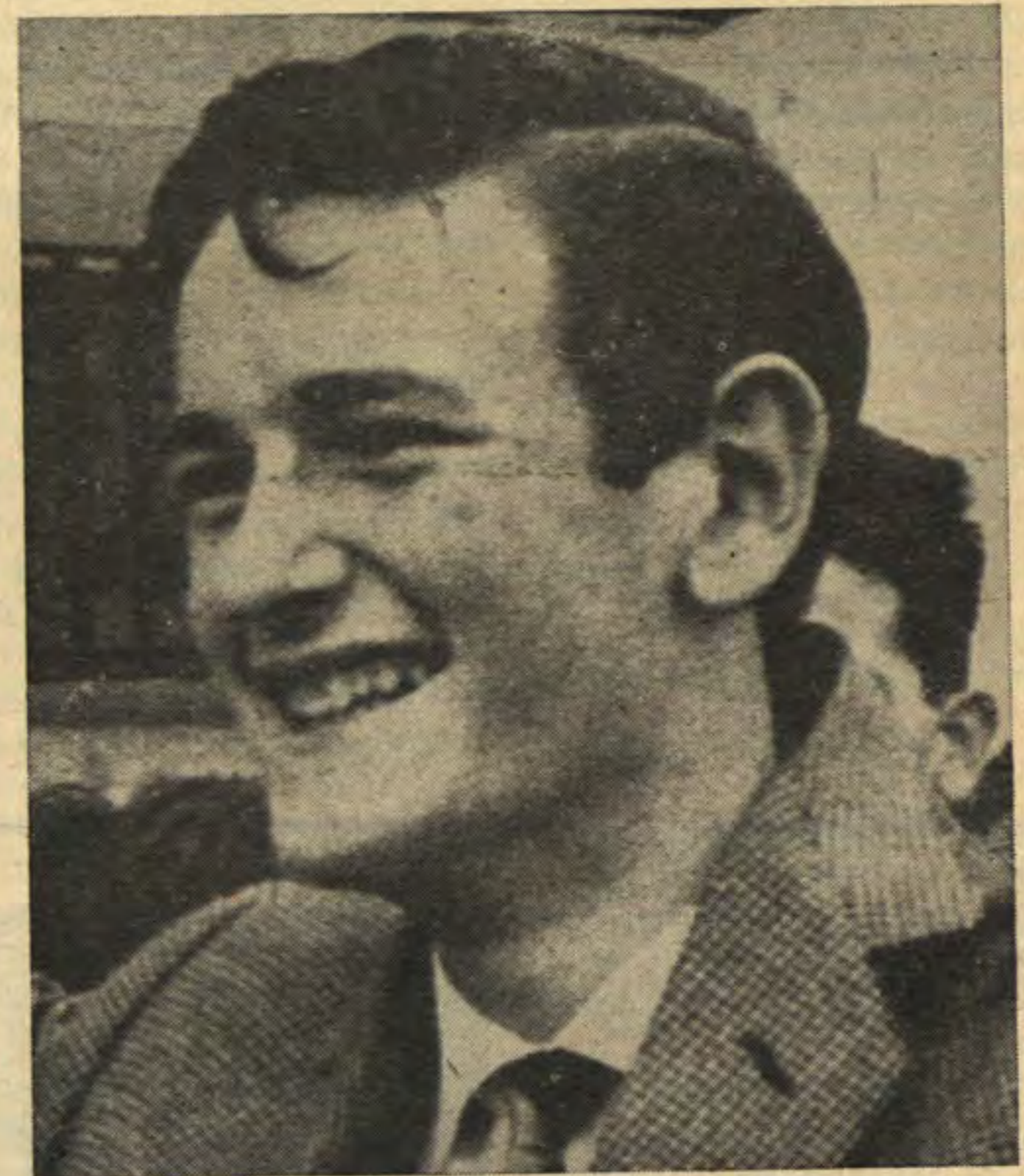
Acredita-me, Ítalo: **mesmo que Cristo tenha morrido em ti, Ele pode, se tu quiseres, ressuscitar e dar-te a Vida. Basta que o queiras.** Gostaria que te convencesse duma coisa: na tua pessoa, nem tudo é mau; subsistem ainda coisas boas, positivas. Tenho fé em ti; é exactamente por isso que te ofereço a minha amizade, de todo o coração. O teu estado de alma encontra-se, com certa frequência, em muitos jovens de hoje. E por quê? Julgo que isto se deve atribuir ao facto de não terem um ideal que os norteie, ou uma meta que se esforcem por alcançar.

Olha: eu quero consagrar toda a minha vida à salvação moral e material de quantos não acreditam em Cristo. Tenho um ideal a seguir: um grande e belo ideal. **Apesar de lutar por este ideal, estou sempre contente!** Coragem, Ítalo, a vida é bela. O que é preciso é vivê-la com fé, com amor, com alegria pura e cristã, com a alegria que brota da alma em graça.

Procurarei ajudar-te com a minha oração.

Juliano

(Do livro «Inquietação dos Jovens» — Coleção Renovar — Edições Salesianas)



A alegria e pureza do olhar é o reflexo dum alto ideal que se vive dia-a-dia

CINEMA-PINTURA DE UMA SOCIEDADE

O cinema constitui uma forma de arte notável para propagar ideias, atitudes, sentimentos e costumes.

Sem fazer um chamamento às faculdades de lógica e razão dos indivíduos ele dirige-se ao subconsciente, desperta o instinto, provoca sensações, cria disposições e tendências.

Ultrapassada a fronteira de um mero tecnicismo luminoso, a que o movimento de imagens fotografadas conseguira dar inesperado encanto, o filme abriu, assim, caminho para sucessivas inovações, enriqueceu-se com sugestivos temas humanos, coloriu-se de tanta beleza, atingiu tão alto grau de simbolismo e poder de expressão que nin-

guém já hoje tem o direito de relegá-lo, como por vezes se pretendeu, para a zona inferior do espectáculo fácil, embrutecedor, feito só para olhos vazios de inteligência.

O filme tende a captar a simpatia do público e devemos re-

Por JOSÉ ANTÓNIO REIS TORGAL
(Aluno do 2.º ano de Engenharia Civil na Universidade de Coimbra)

conhecer que atinge facilmente o seu objectivo. De uma maneira geral, nenhuma atitude pré-concebida poderia resistir-lhe. O filme impõe-se rapidamente às gentes simples — e não apenas às simples — e leva-as para

(Continua na pág. 3)



DESSPORTOS

Chão de Couce, 0

Foz de Arouce, 1

No passado dia 23 de Março realizou-se mais uma partida de futebol na nossa terra entre as equipas acima indicadas, que alinharam como segue:

Chão de Couce: Armando; Rogério, Sezinando, Rui e Acácio; Craveiro II e Marques; Pedro, Zé Mário, Paulino e Lopes.

Suplentes: Zé Tó e Miguel.

Foz de Arouce: Eduardo; Manuel, Carlitos, Barbosa e Nuno; Oliveira e Abel; Carvalhinho, Agostinho, Jesus e Afonso.

Como suplentes estiveram Luís e Zé Luís.

A primeira parte do encontro

foi agradável de seguir, com jogadas bem delineadas por ambos os grupos, registando-se um certo equilíbrio na partida, embora os jogadores adversários se mostrassem mais perigosos no remate à baliza, mas que encontraram uma defesa segura em Armando, numa tarde de franca inspiração, cctando-se como o melhor jogador no terreno. A segunda parte já correu de maneira diferente, o jogo tornou-se mais viril, gerando-se várias questões e a nossa equipa acusou um pouco a falta de preparação física. O golo foi marcado por Abel quando iam decorridos 6 minutos na segunda parte, depois de um desentendi-

(Continua na pág. 3)

Devo ser construtor da paz em mim
para ser portador da paz para o mundo
que me rodeia.